

Israelense vê ascensão do fanatismo no mundo e atribui fato à busca das pessoas por 'respostas fáceis'

MAURÍCIO MEIRELES
DE SÃO PAULO

Hitler e Stálin não esperavam, é claro, mas deram um presente à humanidade: o medo do fanatismo e da violência. Por mais de 50 anos, o mundo viveu com tal medo. Agora, a data de validade desse “presente” chegou.

Quem diz é Amós Oz, uma das principais vozes da literatura israelense. Contundente analista político, ele fala nesta segunda-feira (26), em São Paulo, no ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento.

O autor, que neste ano chegou à final do Man Booker International Prize, um dos principais prêmios literários do mundo, também lança no país “Mais de uma Luz”, volume com três ensaios. Em um deles, Oz revê e amplia “Como Curar um Fanático”, um de seus textos clássicos.

“Há muitas diferenças [desde a publicação do texto original]. Vivemos uma crise muito profunda do sistema democrático. As características que alguém precisa ter para ser eleito são quase o oposto daquelas necessárias para se liderar uma nação”, diz o autor israelense.

O problema, argumenta, é que a política misturou-se às concepções da indústria do entretenimento. Esse seria o motivo da ascensão de candidatos extremistas — eles são os “mais divertidos”, diz Oz. “Há uma geração inteira de jovens, no mundo todo, que veem mais programas satíricos na TV do que o noticiário. E esse é o único contato direto deles com a política.”

O escritor vê, no século 21, uma confirmação do pensamento do filósofo alemão Theodor Adorno (1903-1969), que via na indústria cultural



George Etherege/The New York Times

O escritor Amós Oz posa para foto em Nova York

Crise democrática é fruto da indústria cultural, diz autor

Amós Oz lança livro, dá palestra e afirma que fanáticos se beneficiam da política vista como entretenimento

uma ameaça à democracia.

“Em certo sentido, ele foi um profeta. Adorno viu crises que só se materializaram agora”, afirma Oz.

O resultado, então, seria o crescimento do fanatismo — forma de pensamento dedicada não só a exterminar o outro fisicamente, mas em matar a diferença entre pessoas.

Para ele, a série de manifestações que começaram com a Primavera Árabe e se espalharam pelo mundo — gerando a crença no surgimento de uma nova democracia, em especial nos países árabes — foi interpretada de forma errada:

“Não houve Primavera Árabe. Foi um inverno islâmico. Muitos achavam que ia se repetir no mundo árabe o que houve nos países do bloco socialista. A história não se repete. Nesses locais, há um tipo de opressão totalmente diferente.”

Mas de onde surge o fanatismo? Para Oz, quanto mais complexas se tornam as dilemas da sociedade, mais ha-

verá quem queira respostas fáceis. O fanático, nesse sentido, é aquele que oferece a redenção em duas frases.

“ Há uma infantilização da raça humana

AMÓS OZ
escritor

verá quem queira respostas fáceis. O fanático, nesse sentido, é aquele que oferece a redenção em duas frases.

Por isso, afirma, a curiosidade e a imaginação podem ser um antídoto: as duas, afinal, alimentam-se da diferença entre os humanos.

Para ele, a degradação causada pela indústria do entretenimento também afeta a produção artística. As pessoas estariam mais interessadas em formas baratas de diversão do que na “arte séria”.

“É uma infantilização da raça humana. Adultos sofrem lavagem cerebral da indústria cultural para virar criancinhas, porque as criancinhas são melhores consumidores.”

Seria a hora de uma literatura política, então?

“Não escrevo ficção para enviar mensagens ideológicas. Seria um desperdício. Quando quero fazer isso, por exemplo, escrevo um artigo dizendo para o governo [israelense] ir para o diabo que o carregue. Mas eles leem e, por algum motivo que não entendo, não vão.”

MAIS DE UMA LUZ

AUTOR Amos Oz
TRADUÇÃO Paulo Geiger
EDITORA Companhia das Letras
QUANTO R\$ 34,90 (136 págs.)

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

QUANDO Nesta segunda (26), 20h30, no Teatro Santander, Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 2041, tel. (11) 4003-1022

QUANTO R\$ 2.886, na plateia, e R\$ 1.688, no balcão. Os valores se referem ao pacote completo para oito conferências, mas os ingressos estão esgotados. É possível entrar em uma lista de espera, ligando para o tel. (11) 4020-2050 (não são vendidos ingressos para conferências individuais).

Diários inéditos de explorador ajudam a desvendar mistério

Autor teve acesso a documentos do britânico Percy Fawcett, que sumiu na Amazônia em 1925 e inspirou livro de Antonio Callado

SYLVIA COLOMBO
DE BUENOS AIRES

No começo de “Z - A Cidade Perdida”, o jornalista norte-americano David Grann avisa: “Não sou um explorador, nem um aventureiro. Não escalo montanhas nem sei caçar. Tenho pouco mais de um metro e setenta e quase quarenta anos de idade, com a linha da cintura em franco crescimento e cabelos pretos já rareando”.

Como se pode notar, não se trata da descrição de um super-herói, ao contrário do personagem que retrata em seu livro, que sai agora no Brasil pela Companhia das Letras. O explorador e cartógrafo britânico Percy Fawcett, nascido em Devon, em 1867, era alto, forte e tinha fama de destemido. Tinha ajudado a Royal Geographical Society a nada menos que mapear o mundo.

Em 1925, partiu numa missão na qual estava determinado a descobrir a localização de uma cidade que teria sido a capital de uma grande civilização na Amazônia. Acompanhado de um de seus filhos e de um amigo deste, porém, Fawcett desapareceu na mata. O caso repercutiu mundialmente, e o mistério sobre como foram seus últimos dias moveu outros aventureiros a se embrenhar no mato atrás de seus rastros.

Em “Z”, Grann faz seu aporte ao caso. Apesar da desvantagem física, decide ir do Brooklyn, em Nova York, para o coração da floresta. Em entrevista à **Folha**, por telefone, de Nova York, Grann disse ver paralelos entre seu trabalho — como repórter da “New Yorker” — e o de Fawcett.

“Tanto o jornalista quanto o explorador buscam o conhecimento, e podem chegar a níveis elevados de obsessão. Trabalhar numa reportagem envolve um desafio pessoal e intelectual. Certamente a busca pela história de Fawcett teve esse efeito em mim”, conta.

Antes de ir ao Brasil, Grann fez uma escala na Inglaterra, onde realizou uma leitura meticulosa das cartas e mapas de Fawcett. Trabalhou,

“ Tanto o jornalista quanto o explorador buscam o conhecimento, e podem chegar a níveis elevados de obsessão. (...) Certamente a busca pela história de Fawcett teve esse efeito em mim

DAVID GRANN



O militar e explorador Percy Fawcett no Peru, em 1911

também, com uma documentação pouco conhecida.

“Fui visitar a neta de Fawcett, no País de Gales. Ela me perguntou se eu queria mesmo saber o que acontecera com o avô. Então me levou a um quarto, nos fundos de sua casa. Ali, de dentro de uma escrivaninha de madeira, tirei uns volumes empoeirados, eram diários de Fawcett referentes àquela viagem.”

Grann diz que encontrou várias dicas sobre sua vida, e também sobre sua morte, no sentido em que forneceram detalhes que depois cotejou com o relato oral de indígenas que encontrou na Amazônia.

O jornalista conta que a leitura da correspondência de Fawcett com a mulher, e o posterior registro das buscas dela e do outro filho do casal

para encontrá-lo o emocionou muito. “O desaparecimento de Fawcett os assombrou pelo resto da vida”. Grann também disse ter se apoiado nos escritos do brasileiro Antonio Callado (1917-1997) sobre o Xingu.

Mas foi numa conversa com os indígenas calapalo que crê ter chegado mais perto da verdade.

“Eles compartilharam comigo uma história oral sobre o caso, que detalhava um encontro que seus antepassados tiveram com Fawcett. Acredito que seu relato tenha autenticidade porque contém detalhes, como o fato de mencionar que Fawcett carregava um gravador de som, algo que não era público, mas que eu sabia porque Fawcett havia mencionado isso numa carta à sua mulher”, lembra.

“De acordo com seu relato, Fawcett não teria dado bola para os avisos dos calapalos e insistiu em seguir por uma trilha onde eles lhe diziam que havia indígenas agressivos. A conclusão dos calapalos é de que Fawcett caiu numa emboscada e ali foi morto. Suspeito que foi isso que de fato ocorreu.”

Z, A CIDADE PERDIDA

AUTOR David Grann
TRADUÇÃO Claudio Carina
EDITORA Companhia das Letras
QUANTO R\$ 62,90 (424 págs.)

▶ NO CINEMA

LIVRO VIRA FILME AMERICANO

A obra de Grann foi adaptada para as telas por James Gray (“Era uma Vez em Nova York”). Estrelado pelo novo candidato a astro Charlie Hunnam (“Rei Arthur - A Lenda da Espada”), o retrato de Percy Fawcett fracassou nas bilheterias dos EUA, faturando só US\$ 8,5 milhões. Ainda está em cartaz no Brasil.